

Sem oportunidade Trabalho

Indígenas sofrem mais com falta de vagas e informalidade; renda é menor

— Mercado ainda tem restrições para contratar essa população, empurrada para empregos informais com salários menores do que a média nacional

.....
FERNANDA BASTOS
 ESPECIAL PARA O ESTADÃO

“A minha mãe e a minha avó sempre fugiram de território em território indígena, por conta de garimpeiros e da mineração.” É assim que Zaya Ribeiro inicia sua história. A jovem indígena que, aos 21 anos, é um modelo internacional, traz em primeiro lugar a difícil trajetória das mulheres da família em Rondônia. “Cresci nesse meio de violência onde era uma guerra acontecendo e eu não entendia nada disso”, afirma.

Descendente das etnias Guarani Mbya e Kamurape, Zaya deixou Porto Velho aos 15 anos ao ganhar uma bolsa de

estudos em um colégio no Rio. Aos 17, com o sonho de ser modelo, mudou-se para São Paulo em busca de oportunidades na área. “O que você está fazendo aqui, não se encaixa no padrão, não tem altura”, foram algumas das respostas de agências. “A gente não tem o espaço de voz, a gente não tem espaço de vez. A gente não tem a oportunidade”, diz Zaya.

Segundo pesquisa de 2020 da FGV Social (Centro de Políticas Sociais da Fundação Getulio Vargas), os indígenas foram os mais impactados no mercado de trabalho pelas consequências da pandemia da covid-19, com perda de 28,65% da renda.

Depois de vários ‘nãos’, em 2020, aos 19 anos, com o supor-

te da estilista indígena Dayana Molina, que a treinou para a passarela e para fotos, Zaya começou a conseguir trabalhos com empresas brasileiras. “A gente que é indígena, que está na comunidade, aprende desde cedo que trabalhamos em coletivo”, diz.

Em 2022, o mercado internacional começou a se abrir para Zaya. “Você é a cara da revolução”, foi o que ela ouviu de representantes de grandes marcas europeias. Agora, ela se sente ouvida.

OCUPAÇÃO. Segundo microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PnadC), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geogra-

fia e Estatística (IBGE), entre os primeiros trimestres de 2012 e 2022, a taxa de desemprego de jovens indígenas de 18 a 29 anos é de 14,9%, sendo maior que a da média nacional do Brasil, de 14,2%.

Ainda segundo os dados, a taxa de informalidade nesse grupo é de 46,6%, a maior em comparação com jovens de outros grupos étnicos e do que a média nacional (39,9%).

Ou seja, a cada dez jovens indígenas, pelo menos quatro estão no mercado informal. “Os indígenas estão em uma posição bem mais vulnerável em termos de garantias de direitos constitucionais vinculados ao trabalho”, ressalta a pesquisadora e economista da FGV Ibré Janaína Feijó, que analisou os dados para a reportagem.

Além disso, a média de rendimento dos indígenas que ocupam cargos informais é a mais baixa, sendo de R\$ 1.055, se comparado aos indígenas que ocupam cargos formais e a média nacional. Para a pesquisadora, é necessário investir em políticas públicas de qualificação, capacitação e formação educacional desse público. ●



Modelo Zaya Ribeiro trabalha para grifes internacionais